

ENTRE LEITURAS, DESTESSITURAS E BALANÇOS: ALGUMAS RESENHAS EM REVISTA

O cineasta Woody Allen tem uma bela piada sobre paixões à primeira vista, propondo que, para fugir ao perigo de sermos logo arrebatados por essa emoção transfigurante, devamos dar pelo menos uma segunda olhada.

Revistas, também denominados periódicos, parecem ser um pouco desse esforço intelectual de olhar diversas vezes e de maneira repetida para ideias pelas quais, não raro, muitas pessoas se apaixonaram.

O problema das resenhas é que juízos aparentemente desapaixonados são as vezes levados para o apaixonado campo pessoal, principalmente quando se trata de submeter o pensamento público à certas vaidades e veleidades acadêmicas particulares.

Aqui reside o primeiro fogo das leituras, o de iluminar um conjunto de dissertações e teses produzidas nas últimas décadas sobre a história da geografia no Brasil. Claro, fogo ilumina, queima e arde, como as paixões.

O roteiro que se seguiu foi aquele que buscou tratar de personagens as vezes mitificados, instituições desconhecidas ou fetichizadas, teorias de outros climas situadas no calor tropical, sociabilidades do conhecimento, heranças epistêmicas, embates intradisciplinares, praticas geográficas.

Bem, o que repousa nas páginas virtuais seguintes foi construído a partir da proposta de uma disciplina que oferecemos no primeiro semestre deste ano no programa de pós-graduação em Geografia Humana na USP, onde convidamos os e as estudantes a resenharem um conjunto de trabalhos de uma lista a eles e a elas apresentada.

O resultado é uma saravada de palavras ardentes, não tão quentes como aquelas que marcaram outras pedras, mas boas o suficiente para convidar o leitor a olhar, com os olhos que a terra um dia irá devorar, os trabalhos que se tem feito sobre o pensamento geográfico no Brasil.

E, posso afiançar, que tendo lido essas apreciações críticas, me dei conta de que para além de qualquer amor mais atávico, são mesmo as paixões que enfim nos divertem à medida que deslocam a cúspide do nosso olhar.

Dizendo de outro modo. Mesmo tendo conhecimento de todos os trabalhos aqui resenhados, em muitos dos quais pude ser inclusive testemunha de primeira hora na benção das defesas, devo dizer que fui surpreendido pela visão nova que me fizeram ter.

Building the way

Aqueles e aquelas que se embrenharem por esse periódico goiano lavrado no silício da memória mineral, para lembrar Umberto Eco, terão a oportunidade de passear por um período que se estende entre fins do oitocentos e princípios do atual século. Vão ver o arder de certas “ideias geográficas” na constituição do pensamento social brasileiro e se deleitar com releituras da crítica, dos saberes geográficos na escola desde antes da existência de qualquer desconhecida sociedade geográfica. Vão enfim, ver com quantas paixões se constrói uma narrativa e com quantas paixões se a busca desmontar.

Vão, os leitores que talvez queiram resenhar esta revista, perceber que não se faz conhecimento sem paixão e, claro, para isso não cabe compaixão a nenhuma crítica intelectual. Liguem suas chamas, ardam vosso espírito e fogo a obra.

Manoel Fernandes de SOUSA NETO

Professor Doutor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo
manoelfernandes@usp.br